

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lilian Maria Moraes da Silva

**“PARA SEMPRE JOVEM”:
VALORES E SIGNIFICADOS DO TURISMO PARA A TERCEIRA IDADE.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Me. João Alcântara de Freitas.

Juiz de Fora
2016

“PARA SEMPRE JOVEM”: VALORES E SIGNIFICADOS DO TURISMO PARA A TERCEIRA IDADE

“FOREVER YOUNG”: VALUES AND MEANINGS OF TOURISM FOR THE ELDERLY

Lilian Maria Moraes da Silva¹

*Forever young,
I want to be forever young.
Do you really want to live forever?
Forever young.*

RESUMO

Este estudo objetiva trazer uma reflexão a respeito da representatividade do turismo para as pessoas da terceira idade, considerando que esse é um segmento que vem crescendo consideravelmente e que atualmente existe uma conscientização relevante a respeito da busca pelo envelhecer saudável. Para isso, foi realizada pesquisa qualitativa com um grupo em viagem com origem em Juiz de Fora – MG e destino à cidade de Cabo Frio – RJ. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista. Nela, idosos apresentaram seus pontos de vista a respeito do que é ofertado a eles dentro do turismo, assim como pontuaram aspectos particulares de suas vidas, elucidando-nos a respeito do que realmente é valioso na atividade turística para eles. Esse artigo traz dados estatísticos que demonstram a transformação demográfica ocorrida no Brasil nas últimas décadas, com um crescimento significativo e contínuo da população idosa. São apresentadas as iniciativas do governo para proteção e valorização do idoso, e a importância da contribuição da sociedade nesse contexto. O turismo surge como uma das atividades de lazer que permite ao idoso permanecer no meio social após a finalização das obrigações com o trabalho, ressignificando o tempo livre na descoberta de novas atividades, novos lugares, novas amizades e um novo sentido para vida.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Terceira Idade. Lazer.

ABSTRACT

This study aims to bring a reflection on the representativeness of tourism for elderly people, considering that this is a segment that is growing considerably and that currently there is a significant awareness about the search for the healthy aging. For this, a qualitative research was conducted with a group travel departing from Juiz de Fora - MG going to the city of Cabo Frio - RJ. The data collection instrument was based on interviewing. The elderly presented their views about what is offered to them in tourism, as well as highlighted particular aspects of their lives, explaining us about what is really valuable in tourism for them. This article presents statistics showing the demographic transformation that took place in Brazil in recent decades, with a significant and continuous growth of the elderly population. Are presented the government's initiatives for the protection and enhancement of the elderly and the importance of the society's contribution in this context. Tourism emerges as one of the leisure activities that allows the elderly to remain in the social environment after the completion of the obligations with work, giving a new meaning to spare time in discovering new activities, new places, new friends and a new meaning to life.

KEYWORDS: Tourism. Elderly. Leisure.

1. INTRODUÇÃO

O número de idosos no Brasil vem aumentando significativamente nas últimas décadas. Estima-se que as pessoas com 60 anos ou mais passarão de 14,2 milhões em 2000 para 73,5 milhões em 2060 (IBGE, 2015). Devido a provável alteração demográfica, percebe-se um grande incentivo de ordem pública e privada para que o tempo de não-trabalho e abundante pós-aposentadoria, seja preenchido de modo a propiciar maior qualidade de vida à terceira idade. Nesse contexto, o turismo se apresenta como uma relevante alternativa de lazer e reintegração social.

Este artigo tem por objetivo explorar as percepções que os idosos possuem em relação ao turismo e os benefícios que essa atividade exerce em suas vidas. Acredita-se que tal estudo seja relevante pelo fato de oferecer uma reflexão a respeito de seus pensamentos, sentimentos e opiniões, já que muitas pesquisas sobre turismo na terceira idade atêm-se em destacar aspectos econômicos e oportunidades de mercado, relegando a segundo plano a relevância dessa experiência para os idosos e os significados ali em voga.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: lilianmariamoraes@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Me. João Alcântara de Freitas.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica acerca de temas relacionados com a proposta deste trabalho e pesquisa qualitativa com idosos entre 60 e 87 anos de idade, participantes de uma viagem a Cabo Frio – RJ.

Este trabalho está estruturado em seis seções. Após a introdução, são apresentados maiores detalhes a respeito da metodologia utilizada para realização deste artigo. Na terceira seção, verificamos o envelhecimento progressivo ocorrido no Brasil, apresentando dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que comprovam tal mudança demográfica, assim como observações de Araújo (2001), Fromer e Vieira (2003), e Senfft (2004). É também exposto o empenho do governo ao elaborar programas e projetos na tentativa de inclusão e proteção do idoso no meio social. A quarta seção introduz o turismo como significativa atividade de lazer para a terceira idade, surgindo como alternativa ao preenchimento do extenso tempo livre que surge após o desligamento das atividades profissionais. As principais fontes de estudo deste trabalho estão na quinta seção. Nela, encontram-se as entrevistas realizadas com os idosos e a associação de seu conteúdo às teorias de alguns autores, entre eles Costa (1998) e Panosso Netto (2010). Entre os assuntos abordados, encontram-se os diversos termos existentes para designar a pessoa idosa, a heterogeneidade existente em uma mesma faixa etária, as motivações para se viajar a partir dos 60 anos e a percepção da velhice em si mesmo e no próximo. Para finalizar, algumas considerações a respeito do material exposto no artigo.

2. FAZENDO AS MALAS: METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elaboração deste trabalho foi: 1) revisão bibliográfica acerca dos seguintes temas: idosos, turismo e políticas públicas para idosos; 2) pesquisas em meios eletrônicos para obtenção de dados estatísticos do IBGE e para avaliação de iniciativas do Ministério do Turismo; e, 3) pesquisa qualitativa com um grupo em viagem², com origem em Juiz de Fora – MG e destino a Cabo Frio – RJ. Tal pesquisa teve como instrumento de coleta de dados a entrevista. Utilizou-se como amostra 05 pessoas do sexo feminino, com idades entre 60 e 87 anos de idade. O fato de terem sido do sexo feminino foi desproposital, a aproximação ocorreu de forma natural e em decorrência do número de mulheres ter sido maior que o número de homens presentes. Embora a conversa tenha ocorrido com vários participantes da viagem, foram essas cinco entrevistas que estruturaram este trabalho. Destaca-se, inclusive, que alguns títulos das seções foram pensados a partir de frases marcantes das entrevistadas.

Visando compartilhar com o leitor minha proximidade com a escolha do tema deste artigo, assim como objetivando descrever e apresentar os resultados da pesquisa de campo, tomarei a liberdade de utilizar em alguns momentos a primeira pessoa do singular. Ainda que esteja vulnerável a críticas preciosistas, não gostaria de me esquivar – como alerta o antropólogo Roberto Cardoso Oliveira (1998) – sob o artifice de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, como evoca o, às vezes necessário, *nós*.

Há alguns anos dei início às minhas viagens através de agências de turismo e notei que a maior parte dos grupos de viagens que eu integrava era composto por pessoas da terceira idade. Esse fato sempre foi para mim curioso. Entre idas e vindas, pude escutar muitas histórias dos então viajantes e, quanto mais as ouvia, mais sentia interesse em aprofundar-me no universo de cada um deles. Eu os comparava com outras pessoas próximas a mim, também idosas, que, ao contrário deles, haviam se entregado ao desânimo, à depressão e ao sedentarismo devido ao fato de terem sido privadas do trabalho após a aposentadoria. Perante dois cenários distintos, eu me questionava o que fazia daquelas pessoas que viajavam diferentes das outras, o que as motivava a saírem da rotina e o que havia por trás de tantos sorrisos e diálogos encontrados nos caminhos compartilhados.

Desse modo, surgiu o meu interesse em abordar esse tema neste artigo onde, além das pesquisas teóricas, senti a necessidade de um contato mais próximo com o turista idoso, de forma que eu pudesse escutá-lo e tentar decifrar o que se passa em sua mente e em suas emoções. Para a realização deste trabalho foi escolhida a pesquisa qualitativa, pois buscava-se não a quantificação de resultados, mas sim a exploração dos significados de cada relato. O instrumento da pesquisa foi a entrevista, pois uma das vantagens dela:

é a de favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e, por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma

² A Comissão de Estatística da Organização das Nações Unidas adota o termo “excursionista” para designar o visitante que permanece menos de 24 horas no destino e “turista” aquele que permanece pelo menos as 24 horas. Sendo assim, por mais que seja habitual chamar algumas viagens de excursões, neste artigo se utilizará o termo “viagem” sempre que referir-se a viagens com pernoites.

melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais. (FRASER; GONDIN, 2004, p. 140)

A pesquisa objetivou: 1) avaliar o turismo a partir da percepção do idoso, compreendendo o seu modo de vida; 2) analisar a relação do idoso com as viagens e as motivações que o levam a viajar; 3) compreender a importância que a atividade turística exerce atualmente na vida das pessoas da terceira idade. As entrevistas foram semiestruturadas, mantendo um direcionamento de acordo com as informações que se desejava obter, sem no entanto limitar as respostas das pessoas entrevistadas. Elas foram primeiramente gravadas, posteriormente transcritas e mais tarde, após muitas análises, extraídas delas as informações consideradas mais significativas. Embora houvesse um roteiro semiestruturado a ser seguido, a pesquisa apresentou-me fatos novos e aspectos emocionais relevantes que foram o que conduziram o desenvolvimento deste trabalho, levando-me a debater temas que, inclusive, não faziam parte do meu escopo inicial.

Associado às entrevistas, houve a observação participante. Segundo Fraser e Gondin (2004), quando o observador passa a fazer parte do grupo ao qual está pesquisando, ele adquire uma maior compreensão a respeito do contexto e dos significados atribuídos a ele. Por essa razão, em julho de 2015 me tornei integrante do grupo de viagem, acompanhando de perto a maneira de agir dos turistas idosos, tanto em trânsito como durante o período de estadia, as atividades realizadas por eles e suas maneiras de se comunicarem.

3. ENTENDENDO UM PAÍS GRISALHO: NÚMEROS E DADOS

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com a colaboração de técnicos da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE, lançou em 2015 um livro digital contendo análises a respeito das transições demográficas ocorridas no Brasil e dados sobre a Projeção da População realizada em 2013 classificadas em sexo e idade.

Os técnicos do Instituto afirmam que os níveis de fecundidade e mortalidade vêm se modificando significativamente nas últimas décadas em todo Brasil.

De acordo com eles, as razões para a redução dos níveis de fecundidade estão relacionadas ao processo de modernização da sociedade e às consequentes alterações dos papéis desempenhados pela mulher. Associados a essa nova realidade, poderiam estar: 1) fatores econômicos – devido a uma racionalidade acerca dos custos e benefícios de se ter um filho; 2) fatores culturais – como a ideia de se projetar famílias menores, e, 3) o próprio desejo entre querer ou não ter um filho em determinado momento.

A publicação também apresenta que, devido ao avanço da medicina e às políticas de saúde pública, o Brasil reduziu quase pela metade as taxas de mortalidade, entre os anos de 1940 e 1960. Os autores ressaltam que, após esse período, a medicina continuou a avançar, houve inúmeras iniciativas de ordem privada e um grande investimento em campanhas e programas de saúde pelo governo que se somaram a uma melhora significativa no saneamento básico da população, no nível de escolaridade, assim como na renda mensal. Todos esses fatores colaboraram para uma redução da mortalidade e, conseqüentemente, uma maior expectativa de vida.

O IBGE destaca que, devido às quedas de fecundidade e mortalidade em nosso país, houve um aumento significativo no envelhecimento das pessoas. De acordo com a Projeção da População realizada pelo IBGE (2015, p. 146) em 2013:

O segmento populacional que mais aumenta na população brasileira é o de idosos, com taxas de crescimento de mais de 4% ao ano no período de 2012 a 2022. A população com 60 anos ou mais de idade passa de 14,2 milhões, em 2000, para 19,6 milhões, em 2010, devendo atingir 41,5 milhões, em 2030, e 73,5 milhões, em 2060. Espera-se, para os próximos 10 anos, um incremento médio de mais de 1,0 milhão de idosos anualmente.

Cleida Maria Silva Araújo (2001) e Maria Dulce Senfft (2004) apontam que o Brasil está deixando de ser considerado um país de jovens e, pautadas em dados da ONU/1999, preveem que em 2050 as pessoas acima de 60 anos representarão 23% do total da população brasileira. Tal previsão é expressiva, pois, em 2013,

pessoas com 60 anos ou mais representavam 13% da população brasileira, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo IBGE.³

Ressalta-se que o gênero é uma variável relevante nesses dados: há sensível vantagem numérica de mulheres idosas em relação a homens. O IBGE confirma que “[...] existem aproximadamente 80 homens para cada 100 mulheres, resultado dos diferenciais de mortalidade entre os sexos, cujas taxas para a população masculina são sempre maiores do que aquelas observadas entre as mulheres” (2015, p. 147).

Segundo Betty Fromer e Débora Dutra Vieira (2003), a idade em que uma pessoa passa a ser reconhecida como idosa foi acordada em 1982 em um evento da Organização Mundial da Saúde (OMS), intitulada Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrido em Viena. Na época, havia uma diferença na definição da população idosa entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, sendo considerados 65 anos para o primeiro grupo e 60 para o segundo. Porém, a partir do ano 2000, houve uma padronização para facilitação dos dados estatísticos, passando a ser considerada idosa a pessoa a partir de 60 anos de idade em qualquer país.

Fromer e Vieira (2003) ainda trazem uma reflexão a respeito da dualidade que envolve a questão do envelhecimento, descrevendo que nossa sociedade deseja ter uma vida longa – se fosse possível, eterna – porém não deseja envelhecer.

Assim, é pertinente notarmos a mudança ocorrida na posição do idoso perante a sociedade a partir do século XVIII. De acordo com Araújo (2001), nas sociedades primitivas a pessoa considerada velha era muito valorizada, sendo sinônimo de sabedoria e devendo-se a ela respeito e obediência. No entanto:

[...] como consequência da revolução industrial, dos avanços tecnológicos dela resultantes e da valorização de teses desenvolvimentistas, a força de produção ganha importância e o homem passa a ser julgado por sua capacidade de produzir, fazendo com que o potencial da juventude passe a ser valorizado, em detrimento do idoso. (ARAÚJO, 2001, p. 14)

Dessa forma, criou-se um estereótipo do idoso, associando-o à inutilidade e à incapacidade, fazendo com que ele tenha sua autoestima diminuída e se sinta excluído da sociedade. A mudança demográfica, no entanto, tem apresentado a necessidade de se rever essa imagem. Araújo (2001, p. 23) aponta que: “A forma dos jovens e dos velhos se encararem e conviverem deve ser modificada, pois, quantitativamente, já estão se tornando equivalentes e, por tanto, sem predomínio de um grupo sobre o outro”.

Como consequência do crescimento significativo do número de idosos no Brasil, o governo federal criou políticas e programas de apoio para proteção e incentivo a uma melhor qualidade de vida às pessoas da terceira idade.

Em 4 de Janeiro de 1994, foi criada a Política Nacional do Idoso, lei nº 8842, que “tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Em seu Artigo 3º, inciso II, consta que “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos”.

A respeito da cultura, esporte e lazer, consta na Política Nacional do Idoso que é competência dos órgãos e entidades públicos: “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade” (Artigo 10, inciso VII, alínea e).

Alguns anos depois, foi instituído o Estatuto do Idoso, lei nº 10741, de 1º de Outubro de 2003, assegurando direitos e proteção aos idosos e punição para quem os desrespeitar. Seu Artigo 3º diz:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

O Artigo 23 também nos apresenta que: “a participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.”

³ IBGE. **A janela para olhar o país. PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios. Brasil e Síntese de Indicadores 2013.** IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000018883109232014310419410583.pdf>>. Publicado em: 18 set. 2014. Acesso em: 07 nov. 2015.

Dessa forma, busca-se integralizar o idoso no meio social, considerando-o um ser capaz de permanecer ativo e de ir e vir, tendo a opção de trabalhar, de iniciar ou dar seguimento a algum tipo de estudo, de desfrutar de momentos de lazer – onde entre eles pode-se incluir o turismo – tendo por lei os direitos garantidos para usufruir uma vida saudável, tanto física como psicologicamente.

Além disso, o Artigo 34 do Estatuto do Idoso trata da garantia do seu sustento:

Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.

Três anos após o Estatuto, foi criado o Dia Nacional do Idoso, lei nº 11.433, de 28 de Dezembro de 2006, passando a ser comemorado em 1º de Outubro de cada ano, buscando promover a valorização das pessoas idosas.

Seguindo às deliberações internacionais, a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso e o IBGE consideram idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Devemos considerar que, embora existam tais iniciativas por parte do governo, apenas a existência delas não garante que os idosos tenham todas as suas necessidades supridas. A sociedade possui um importante papel no sentido de respeitar o idoso e praticar ações em conformidade às leis. A modificação na visão e no tratamento dispensado à terceira idade é uma construção a longo prazo e, assim como consta no Estatuto do Idoso, demanda envolvimento de todos – família, comunidade e sociedade – não somente do governo.

4. TURISMO COMO LAZER: BREVE REFLEXÃO SOBRE O CAMPO

Conforme foi apresentado, o envelhecimento da população é algo que está ocorrendo de forma progressiva e irreversível. Pelo fato de a população estar vivendo mais, o período entre o momento de sua aposentadoria até seus últimos dias de vida se tornou mais longo, caracterizando uma maior disponibilidade de tempo livre. Segundo Heloísa Maria Rodrigues de Souza; Romeu Rodrigues de Souza (2005, *apud* POSSAMAI, 2009, p. 47):

Antigamente, os avós cuidavam dos netos, transmitiam suas experiências aos mais jovens, sentiam-se parte da sociedade. Porém, nos dias atuais, é difícil encontrar algum jovem que, ainda, tenha paciência de ouvir as histórias dos avós ou de aprender algum ofício com eles. Esse fato, em muitos casos, dificulta a adaptação a esta nova fase da vida de aposentado. Torna-se então indispensável encontrar novos interesses, e o lazer, nessa etapa, deve ter tanta importância quanto o trabalho na fase denominada produtiva.

Sendo assim, a busca por algo que preencha esse tempo e traga satisfação pessoal pode ser de fundamental importância para reverter o surgimento de possíveis males devido à modificação da rotina e de responsabilidades pela ausência do trabalho. Joffre Dumazedier (1973, p.34) caracteriza o lazer como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Desse modo, o turismo se apresenta como uma das opções de lazer, onde nele existe a possibilidade de ressignificação do tempo livre, do rompimento da rotina, do descobrimento de novos lugares, nova culinária, oportunidade de participação em atividades recreativas ofertadas pelos hotéis e/ou pelos pacotes das agências - como bingos, dança, passeios de trem, de barco etc. Além disso, há a sensação de bem-estar por sentir-se bem acolhido, por desfrutar de momentos de alegrias, relacionando-se com o outro, descobrindo novas amizades e percebendo que não somente o trabalho é capaz de dar sentido à vida, mas também o lazer e, no caso, as viagens. Senfft (2004) ressalta a importância do turismo para o alívio da depressão e da solidão - comuns após a aposentadoria - e para a conquista de uma melhor qualidade de vida, possibilitando a valorização do idoso e a inserção dele no meio social.

Diante de tantos benefícios adquiridos, a terceira idade como consumidora do turismo se mostra uma tendência tanto nacional como mundial. Pontua-se que o Ministério do Turismo (2010) caracteriza tendência

como: “uma sequência de eventos com força e durabilidade e que podem revelar como será o futuro do consumo e quais oportunidades podem ser aproveitadas”, e, sobre o envelhecimento da população, ele afirma que: “a sucessão de fatos demonstra que isto não é uma modificação momentânea, e que surgirão novas oportunidades de negócios voltadas para a parcela mais idosa da população”. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 19)

De acordo com Alexandre Panosso Netto (2010), existem inúmeras definições a respeito do turismo. Tantos conceitos derivam do fato de existirem muitos autores sobre o tema e estes possuírem cada qual a sua própria visão e opinião. Dessa forma, o turismo é um assunto passível de diversas compreensões. No entanto, para efeitos desse estudo, adota-se o seguinte pensamento:

O mais importante, portanto, é ter uma visão geral que compreende o turismo como fenômeno de saída e retorno do ser humano do seu lugar habitual de residência, por motivos revelados ou ocultos, que pressupõe hospitalidade, encontro e comunicação com outras pessoas e utilização de tecnologia, entre inúmeras outras condições, o que vai gerar experiências variadas e impactos diversos. (PANOSSO NETTO, 2010, p. 33)

Buscando então discutir a respeito de como ocorrem essas experiências para as pessoas da terceira idade e descobrir quais são os significados do turismo para elas, a partir da próxima seção passa-se a apresentar o ponto essencial deste trabalho – a base de estruturação deste artigo - que foi a pesquisa de campo realizada durante a viagem com destino à cidade de Cabo Frio – RJ, na qual possibilitou a obtenção de informações valiosíssimas a respeito não somente da atividade turística sob a visão dos idosos, mas também sobre aspectos particulares de suas vidas.

5. IMERGINDO NO GRUPO

Cabo Frio é uma cidade litorânea do estado do Rio de Janeiro muito frequentada por turistas durante todo o ano. Aos finais de semana nota-se muitos carros com placas do Rio de Janeiro – RJ e de municípios próximos, e no período de férias e feriados há um fluxo intenso de turistas. Cabo Frio integra a Região dos Lagos, também conhecida como Costa do Sol, e faz limite com os municípios de Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Casimiro de Abreu e São Pedro da Aldeia. Seu principal atrativo é a Praia do Forte, cujas características são as águas geladas e a areia muito branca, rodeada por belas construções em toda sua orla e por confortáveis quiosques em alguns trechos.

Saímos às 7:00h da cidade de Juiz de Fora – MG e percorremos aproximadamente 300 km até o município litorâneo. Nosso ônibus de turismo possuía 47 lugares e todos estavam ocupados. Havia 03 crianças, 01 adolescente e 14 adultos⁴. Também preenchem o ônibus 29 pessoas entre 60 e 87 anos de idade – sendo 22 delas, mulheres. Dessa forma, a maior parte do nosso veículo estava ocupado por pessoas da terceira idade.

No local de embarque, houve muitos cumprimentos e reencontros. Companheiros de viagem novamente se viram e demonstraram felicidade por compartilharem mais um passeio juntos. Alguns idosos viajavam sozinhos e descobriam naquele momento quem seria sua companhia no quarto duplo do hotel e possivelmente em alguns passeios.

Na estrada, muitas conversas, muitas histórias contadas. Mesmo aqueles que, minutos antes, eram estranhos uns aos outros, nesse momento pareciam ser amigos de longa data. A guia de turismo nos serviu água, sucos, café, biscoitos, bolos, exibiu DVDs, realizou bingos e sorteios de brindes, mostrando que o próprio trajeto pela estrada poderia ser transformado em um passeio.

Durante o percurso, nosso ônibus fez três paradas. Embora tivéssemos disponíveis no veículo serviço de bordo e toalete, todas as pessoas sentiram necessidade de descer, principalmente para alongarem o corpo que, independentemente da idade, sofria por permanecer na mesma posição por muito tempo. Embora todos já estivessem alimentados, muitos compraram lanches e também aproveitaram para adquirirem *souvenirs*. As paradas serviram também como um momento a mais de distração, especialmente para os idosos que buscaram conversar com outras pessoas que no ônibus sentavam em lugares distantes dos seus.

Cinco horas após nossa saída de Juiz de Fora – MG, fomos acomodados no hotel, no qual teríamos 5 pernoites.

⁴ A classificação apresentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança a pessoa até os 12 anos incompletos e adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

Ao longo dos dias de hospedagem, notei que todas as pessoas da terceira idade do meu grupo aparentavam desfrutar de boa saúde física e mental, demonstravam independência na locomoção e nas atividades que desempenhavam. Idosos ativos e participativos caminhavam, iam à praia, faziam compras nas lojinhas próximas. A maior parte acompanhou os passeios sugeridos pela guia de turismo, passando uma tarde em um grande shopping, conhecendo os pontos turísticos da cidade vizinha - Búzios, e saindo durante a noite para churrascarias e pizzarias.

Durante minha estada, me aproximei de 05 pessoas idosas do sexo feminino às quais notei que poderiam contribuir de forma significativa com o tema de minha pesquisa. A estas, expliquei o objetivo do trabalho que estava realizando, convidei-as para gravarmos uma entrevista e todas aceitaram com grande boa vontade. Uma, em especial, ficou muito feliz com o convite e disse empolgada: “Nunca imaginei que na vida seria entrevistada por alguém.” As entrevistas foram realizadas de forma individual, com exceção de uma feita com duas irmãs ao mesmo tempo. Comprometi-me a não revelar seus nomes, visando manter a privacidade de cada uma e possibilitando que se sentissem mais à vontade em seus relatos. Dessa forma, todos os nomes apresentados neste artigo são meras ilustrações.

A respeito da realização da pesquisa de campo, é pertinente destacar que, ao se pensar no ambiente em que ela ocorreria, logo cogitou-se um grupo em viagem organizado por agência, pelo fato de ter sido através desse modelo de deslocamento que eu havia notado uma grande participação de idosos. No entanto, após ter me aproximado de minhas entrevistadas, fui apresentada a novos fatos. A pesquisa mostrou-me dois caminhos diferentes das viagens grupais de agências que levam pessoas da terceira idade a também viajarem. Tais caminhos serão apresentados mais adiante.

Esse termo “melhor idade” se aplica aos jovens

Existem diversos termos para designar uma pessoa que possui idade avançada. Entre eles: “velhice, velho, senilidade, senil, ancianidade, anciana, ancião, idoso, geronto, senescência, senectude, senescente, decrepitude, decrépito, terceira idade, melhor idade, e outros”. (ARAÚJO, 2001, p.15)

A palavra velhice, utilizada durante longo tempo, trazia embutido o significado de desvalorização do ser humano, pois, considerando-o velho, o indivíduo era vinculado à imagem de pessoa inútil. Por essa razão, estudiosos buscaram encontrar outros nomes que retratassem essa fase da vida sem, no entanto, depreciá-la. (FROMER; VIEIRA, 2003)

De acordo com Célia Regina Lenzion *et al* (2002, p.2):

O termo “terceira idade” foi proposto para esse estágio de vida pelo francês Huet na revista *Informations Sociales* (1962), que dedicava o número aos aposentados, e logo ganhou aceitação geral e adeptos, na medida em que se refere às pessoas idosas, sem menosprezá-las.

Dessa forma, a velhice começou a ganhar uma nova visão, passando a ser associada a um período de atividades possíveis:

Terceira Idade representa a velhice como uma nova etapa de vida, expressa pela prática de novas atividades sociais e culturais. A representação de estar na terceira idade está vinculada à nova imagem de envelhecimento, onde os indivíduos com idade avançada constroem novos significados, que favorecem a uma participação social, autovalorização, convívio com suas perdas e suas transformações. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001, p. 55)

Contudo, questiona-se o significado desse termo, pois dizer que há uma terceira idade implica em afirmar que também existe uma primeira e uma segunda idade que, no caso, não sabemos exatamente quais são. (FROMER; VIEIRA, 2003)

Já outro termo também adotado como referência aos idosos é “melhor idade”. Este, por si só, afasta a associação com o pensamento negativo ligado à velhice, sendo fortemente utilizada como plano de marketing pelas empresas, pois desperta no outro o desejo por vivenciar novas experiências nesse momento da vida em que não há uma rotina obrigatória a ser cumprida. Além disso, se diferencia da expressão “terceira idade” no sentido de não significar um corte em relação a uma idade anterior, mas sim uma sequência natural da vida. (FROMER; VIEIRA, 2003) Para as mesmas autoras o significado de “melhor idade” também é consequência da seguinte situação:

A pessoa idosa, hoje, possui uma condição física, psíquica e material (ou pelo menos uma parcela desse segmento) que lhe permite ter vitalidade, autonomia e poder de decisão. Não precisa – e não quer – ser tratada com complacência (como se não fosse responsável por seus atos), nem com isenção (como se fosse desvalida). Quer uma relação e um tratamento de igualdade com os outros grupos sociais. (FROMER; VIEIRA, p. 86 - 87)

No Brasil, em 2007, o Ministério do Turismo criou o programa Viaja Mais Melhor Idade, tendo por objetivo facilitar o acesso a viagens nacionais e internacionais por pessoas acima de 60 anos e/ou aposentados e/ou pensionistas, através de descontos e vantagens, assim como fortalecer a atividade turística em nosso país durante todo o ano. As informações dos pacotes oferecidos se dão através do site do programa e a compra é feita diretamente com as operadoras e agências cadastradas. Futuramente, serviços avulsos também estarão disponíveis. A vantagem é estendida ao acompanhante do beneficiado. Além disso, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal são parceiros do programa, facilitando o crédito e o parcelamento dos custos das viagens, e reduzindo os juros. Em matéria publicada no site Portal Brasil⁵ em 16 de maio de 2013, com última modificação em 29 de julho de 2014, Wilken Souto, coordenador geral de Segmentação do Ministério do Turismo, afirmou que “atualmente são mais de 20 milhões de pessoas acima de 60 anos. Elas detêm 20% do poder de compra atualmente, enquanto em 1990 detinham 5%”.

Podemos observar que o programa Viaja Mais Melhor Idade utiliza a representatividade positiva do termo “melhor idade” para atrair as pessoas e mostrar que é possível aproveitar essa fase da vida viajando.

Em determinado momento de minha pesquisa, uma das entrevistadas, sem ter sido questionada a respeito, demonstrou sua opinião a respeito do termo. Sua expressão facial se transformou, o tom de sua voz se alterou e ela disse, indignada:

[...] eu não concordo com essa história da melhor idade, porque eu acho que, por melhor que seja a vida da pessoa, ela sempre tem um problema de saúde, sempre tem uma saudade que maltrata – por que foram pessoas suas embora – e tem um monte de coisas que não permitem que aquela vida seja a melhor [...] Eu acho que esse termo “melhor idade” se aplica aos jovens – crianças e jovens [...] por que é onde você está bonito, no auge da beleza, está no auge da ilusão, tem um monte de coisas para fazer, para estudar, ser alguém. Você tem coisas para fazer na vida que te permite ser mais feliz. Cada vitória que você conquista no curso, no estudo seu ou no trabalho, tem uma felicidade, né? E eu acho que o idoso já fez a maioria das coisas que tinha que fazer, então não tem tanto motivo para ser tão feliz assim não. Ele pode ser feliz, mas não mais feliz que os outros [...] “Melhor idade” eu acho que é desfazer do jovem que está ali batalhando, fazendo de tudo para chegar a algum lugar, enquanto estão falando que a outra idade que é a melhor.

A mesma aversão a senhora sentiu quando uma agência insistiu para que ela aderisse a um pacote à uma cidade mineira que realiza um evento intitulado “Encontro da Melhor Idade”. O fato de tentarem incluí-la em um evento próprio para pessoas idosas a desagradou muito:

[...] eu não concordo com essa separação, com ficar separando o idoso das outras pessoas. Então chega lá só tem idoso, e para mim fica um pouco triste. Você olha para um, ele já está idoso, olha para outro, já está idoso. Você já viveu tanta coisa, sabe que ele também já viveu. Então eu acho que é um ponto de tristeza para mim no Encontro. Agora, outra coisa também que eu gosto quando vou em um Encontro, de qualquer tipo de evento, é que lá tenha criança, adolescente, jovem, adulto e que tenha idoso também, como eu também vou estar. Eu acho que é tão bonita essa mistura, sabe?

Essa fala remete à Maria Tereza Gonçalves Garcia (2001 *apud* Fromer; Vieira, 2003), pois a autora aponta que a terceira idade prefere as atividades em grupo, porém não prioriza pessoas com a mesma faixa etária, busca qualidade e conforto, gosta de lugares inéditos, é bem-informada, conhece seus direitos e busca tratamento igualitário com as pessoas de outras idades.

⁵ MINISTÉRIO DO TURISMO. **Bancos públicos aderem a programa que estimula viagens para idosos**. Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2013/05/bancos-publicos-aderem-a-programa-que-estimula-viagens-durante-a-melhor-idade>>. Publicado em: 16 mai. 2013. Acesso em 29 jul. 2015.

Fromer; Vieira (2003) também podem ser lembradas, pois alertam que deve-se evitar restringir os serviços turísticos apenas aos idosos, pois a heterogeneidade de idades é enriquecedora e benéfica, ou seja, os idosos precisam relacionar-se com outras gerações e não ficarem isolados convivendo apenas entre si.

Fico mendigando uma companhia

Em viagens anteriores à essa, sempre observei um número grande de mulheres viúvas, e, conforme tomamos conhecimento através dos dados do IBGE (2015), o nível de mortalidade é maior entre os homens que entre as mulheres. Todas as entrevistadas confirmaram que observavam mais turistas mulheres que homens nessa faixa etária e, quando as questionei a possível razão, as respostas foram diversas. Elas se referiram ao fato de os homens morrerem mais depressa, de as mulheres terem mais interesse na busca de um lazer e de amizades, dos homens acharem que as viagens são caras e também por não gostarem de viajar: “ele diz que não tem paciência para essas coisas, que ele quer ver o futebol.” Porém, essa pesquisa apresentou um fato que até então eu não havia observado: há muitas mulheres da terceira idade solteiras que viajam! De forma não proposital, quase todas as mulheres que entrevistei eram solteiras.

As irmãs Marisa e Clarice - 71 e 69 anos, respectivamente; Francisca - 87 anos e Ilda - 71 anos eram solteiras e não possuíam filhos. Apenas Ana Maria, 60 anos, foi casada por 13 anos e estava divorciada, porém também sem filhos. Pelo fato de não ter sido proposital a seleção de mulheres sozinhas, imagino que essa não seja uma realidade apenas de minha pequena amostra, mas sim um reflexo do modo de vida de muitas mulheres que, ou por opção ou por motivo maior, foram levadas a se encontrarem atualmente na terceira idade sem terem vivenciado a maternidade e um relacionamento conjugal. As devidas razões não foram por elas abordadas. Em todos os momentos em que poderiam ter comentado a respeito, elas se esquivaram, se restringindo a apenas mencionarem o estado civil, sem maiores detalhes. No entanto, acredito que a dita “solteirice” contribua para o fato de muitas mulheres viajarem sozinhas. Em uma das entrevistas, pude analisar a questão da solidão.

Conversei com uma mulher que viajava sem companhia. A princípio não pensei em entrevistá-la, pois sua aparência não demonstrava que tivesse 60 anos ou mais. Mulher esbelta, bem vestida e com uma maneira de se comunicar bem jovial. Em nossos encontros, me acostumei a tratá-la por “você” e não por “senhora”. Para minha surpresa, posteriormente descobri que possuía 71 anos. Era assistente social aposentada. Durante a nossa estada, ela se sentia um pouco triste por estar sem companhia. Por opção, pagou à agência um valor maior para que pudesse permanecer sozinha no quarto do hotel e não precisasse dividi-lo com alguém que não conhecesse bem. Se sentia entristecida por não notar na guia de turismo a atenção que esta havia lhe prometido antes da viagem. Diante disso, eu a convidei para fazermos alguns passeios juntas. Vendo então que ela se sentia à vontade ao meu lado e já me contava um pouco a respeito de sua vida dentro e fora das viagens, convidei-a para a entrevista. Ilda então me relatou sua dificuldade em conseguir uma companhia para viajar. Quando jovem, ela sempre viajava com amigas, porém, com o passar dos anos, cada uma teve um destino que levou-as ao distanciamento:

Uma teve Alzheimer, está viva ainda, mas com a doença. Outra teve um tumor no intestino, operou - ela era muito lúcida, muito ativa - foi uma pena, ela não resistiu, em um ano foi embora. E a outra [...] tem muitos problemas de coluna, atualmente não pode entrar em um ônibus e fazer uma viagem longa. Então eu fiquei sem aquelas amigas que eu podia contar. [...] Agora eu fico mendigando uma companhia e às vezes não consigo encontrar.

Ilda também mencionou que não pode contar com sua família para viagens, pois a maior parte dela mora em outra cidade e o restante são sobrinhos homens que não têm interesse em viajar com a tia. Dessa forma ela narrou que costuma deixar de viajar por não ter companhia. Embora algumas vezes viaje sozinha, como nessa ocasião, ela afirmou não gostar: “Ficar num apartamento sozinha como estou é muito bom por um lado - você tem privacidade, faz o que você quer – mas por outro lado é meio solitário. Eu não sei se eu gostaria de continuar nesse estilo de viagem não. Tenho que pensar nisso.”

Francisca - senhora que me foi apresentada pela guia de turismo – assim como Ilda, quando viaja em grupo, não possui companhia. Sobre ela, notei que era uma senhora de baixa estatura, magra, coluna ereta, sempre com o cabelo bem alinhado, maquiagem no rosto e bem vestida. Pelas manhãs, me deparava com ela indo à praia com os trajes adequados aos banhos de sol e mar. Sua idade? Oitenta e sete anos! Era incrível o cuidado que Francisca demonstrava ter consigo mesma e a independência com a qual ia e voltava ao hotel.

Quando questionada, ela disse: “Ah, companhia eu não tenho não. Eu viajo sozinha. Sempre viajei. Dou o meu nome, vou e aí a gente faz amizades ou coincide de ter conhecidos.” Ela contou que a agência é que determina quem será sua companheira de quarto que, conseqüentemente, também acabará sendo a pessoa com a qual mais compartilhará as refeições e os passeios. Contudo, Francisca não se mostra avessa a essa situação. O fato de não ter uma companhia fixa, não a entristece nem tira o brilho de suas viagens, ao contrário do que foi demonstrado por Ilda.

A mesma falta de companhia é relatada pelas irmãs Marisa e Clarice – ambas professoras aposentadas. Elas relataram que as amigas com as quais costumavam viajar quando jovens, seguiram caminhos diferentes dos seus: “As colegas casaram, foram embora, ficaram viúvas, voltaram, mas não é a mesma coisa mais, não tem mais contato, é mais para o lado dos filhos.” Contudo, apesar da ausência das amigas, elas contam com a companhia uma da outra e ressaltam que desde a juventude viajam juntas.

Ao conversar com Ilda, ela ainda destacou a importância da presença do guia de turismo, especialmente quando a pessoa está sem companhia, como em seu caso nessa viagem a Cabo Frio. Por essa razão, ela se sentia triste. Ilda disse considerar a guia do nosso grupo uma amiga e ter aceitado fazer essa viagem apenas porque esta lhe prometeu fazer companhia – o que até o momento não havia sido cumprido.

Este fato não segue o que seria mais adequado, de acordo com Ivone Selva Santos Canani (1999, p.97):

Dentro da atividade turística - viagens -, a prestação de serviços se dá em vários âmbitos, quer seja equipamento, como hotéis, restaurantes, transportes para o deslocamento, quer seja a atenção permanente da pessoa que acompanha o grupo. Esta é a função do guia de turismo, quando ele deverá demonstrar toda sua capacidade. Em todo momento dará atenção ao viajante e o resultado de um bom atendimento será a fidelidade do cliente.

É pertinente destacar que, de acordo com o Cadastur⁶, todo prestador de serviços da área turística, seja pessoa física ou jurídica, que atue como guia de turismo e/ou agência de turismo, entre outros, possui a obrigatoriedade de se registrar junto ao Ministério do Turismo através do site Cadastur⁷. Através do link “prestadores”, é possível a consulta por parte de todo cidadão aos serviços oferecidos e devidamente regularizados⁸. De acordo com o site, para ser um profissional legalizado e atuar como guia de turismo, entre outras documentações, é necessário possuir um certificado que comprove conclusão de curso técnico de guia de turismo reconhecido pelo Ministério da Educação.⁹

A respeito dessa profissão, Canani (1999, p.97) afirma que:

Nem todos podem exercê-la, e as pessoas que executam essa tarefa devem ter algumas características particulares, além de capacidade para aprender e adaptar-se às diferenças pessoais que vão enfrentar. [...] Apesar de ser uma atividade antiga no Brasil, somente foi considerada profissão a partir de 1986 e regulamentada a partir de 1993.

Podemos supor que as pessoas da terceira idade, especialmente as que realizam viagens sozinhas, podem depositar no guia a expectativa de este lhe suprir a falta de companhia. O profissional deve, por essa razão, levar em consideração o público ao qual está direcionando seu trabalho, percebendo que as necessidades podem variar de pessoa para pessoa. Constatamos também que a exigência de regulamentação por parte do Ministério do Turismo visa, além de preceitos legais, a correta capacitação dos profissionais do turismo, garantindo que saibam compreender e satisfazer as necessidades dos turistas, entre os quais podemos

⁶ Sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo, executado pelo Ministério do Turismo em parceria com os Órgãos Oficiais de Turismo das Unidades da Federação.

⁷ www.cadastur.turismo.gov.br

⁸ Pesquisei a cidade de Juiz de Fora - MG e visualizei que nela há 51 agências e apenas 5 guias de turismo legalmente registrados (acesso em 29 de setembro de 2015). Esse fato chamou-me a atenção para as diversas vezes em que recebi roteiros de viagens, através de e-mail e correio, onde havia a descrição da presença de “guia de turismo credenciado pelo trajeto” ou “guia acompanhante”. Somente através da atual pesquisa, constatei que muitos dos “guias” que me acompanharam em diversas viagens, não correspondiam ao profissional descrito no roteiro, já que até o momento atual não possuem legalização para o exercício da atividade.

⁹ Atualmente (22 dez. 2015), a cidade de Juiz de Fora - MG não dispõe de nenhum curso técnico de guia de turismo, no entanto será aberta uma turma a partir de janeiro de 2016.

destacar a terceira idade que exige uma atenção mais específica por possuir como fatores adicionais a carência e a solidão, conforme vimos.

Hoje vejo a comodidade

A aposentadoria, assim como a pensão, é uma certeza de um valor financeiro mensal que favorece a realização de viagens entre aqueles que possuem interesse. Maria de Fátima Alves de Sena, Jahumara Gloria Téllez González e Marco Aurélio Ávila (2007, p. 81) afirmam que a “atratividade que renda e tempo livre têm para o campo do lazer e, particularmente, para a motivação de atividade turística na terceira idade, é uma realidade.”

Em entrevista com a professora aposentada Clarice, ela apresentou a questão financeira ressaltada pelos autores. Clarice relembrou um diálogo que teve com uma senhora quando estava viajando pelo interior de Minas Gerais, onde esta lhe disse que “dinheiro de aposentado não falta nunca”. Essa frase a fez refletir sobre sua situação e a de sua irmã, com a qual sempre viaja, e, depois de muito pensar, teve que concordar com a senhora: “nós também somos aposentadas, então por isso que nós estamos aqui hoje, nosso dinheiro não falta mesmo”, e acrescentou: “hoje eu já aposentei, posso viajar ou em julho ou em janeiro, fevereiro, março, abril, posso qualquer mês”.

Outro aspecto relevante é que todas as entrevistadas afirmaram preferirem gastar seu dinheiro com viagens que com qualquer outra coisa. Uma delas ainda destacou: “Eu adoro ser turista, só não sou mais por falta de dinheiro”, referindo-se ao fato de que desejaria ter além do que possui para viajar com mais frequência.

Jorge Sales, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens (Abav – PE) afirma que o investimento nesse segmento é muito pertinente, pois essas pessoas podem viajar o ano todo, gostam de adquirir *souvenirs*, buscam comodidade – por isso costumam optar por pacotes completos, representando lucratividade e equilíbrio para o mercado turístico em períodos de baixa temporada (FROMER; VIEIRA, 2003).

Através dos relatos, pude notar a mudança de percepção das entrevistadas com relação à busca de comodidade nas viagens ao longo dos anos. Foi apontado por elas que, quando mais jovens, elas tendiam a se esquivarem da programação e dos horários impostos pelos grupos de viagens. Já na terceira idade, elas comentaram que conseguiram perceber que muitas vezes há como conciliar os interesses pessoais com os programados pelas agências, e a comodidade oferecida é levada muito em consideração por elas:

Quando eu trabalhava, viajava sozinha porque pensava: ‘excursão tem hora para acordar, hora para sair, hora para voltar, hora para comer, hora para tomar banho, hora, hora, hora! Eu não quero. Quero estar livre.’ Mas hoje vejo a comodidade.

Facilidades como um guia de turismo para apresentar os pontos turísticos, o acesso a locais que seriam difíceis sem um transporte especializado, são muito valorizados.

Dentro dessas facilidades que a pessoa idosa busca, foi mencionada uma agência de turismo especializada na terceira idade que inclui automaticamente em seu pacote o seguro-viagem. De acordo com uma de minhas entrevistadas, esse serviço diferencia-se do DPVAT (seguro obrigatório que cobre acidentes com morte ou invalidez permanente) e é visto pelos turistas de forma muito positiva, pois oferece assistência médica, caso seja necessário, em unidade hospitalar particular, trazendo uma grande segurança para o período em que estão afastados de seus domicílios. Nas dezenas de viagens realizadas por mim através de diferentes agências, em nenhuma delas me foi ofertado esse serviço, por esse motivo destaco a iniciativa da agência em questão que inclui o seguro em seus pacotes de viagem, pois especialmente para terceira idade é de suma importância, considerando que muitos idosos podem não possuir um plano de saúde com abrangência nacional e podem ser mais frágeis fisicamente devido à idade avançada.

Os pesquisadores Sena, González e Ávila (2007) afirmam que muitas são as agências de turismo e meios de hospedagem, tanto nacionais como internacionais, que investem em condições e descontos específicos para os idosos, levando em consideração que o número de pessoas idosas cresce a cada ano.

Procurando garantir o acesso ao turismo por parte de todas as pessoas, foi elaborado o Código de Ética Mundial para o Turismo em 1º de Outubro de 1999 pela Organização Mundial do Turismo (OMT). Notamos em dois de seus artigos a preocupação com a inserção das pessoas idosas na atividade turística. Em seu Artigo 2º consta que:

As atividades turísticas deverão respeitar a igualdade entre homens e mulheres. Mesmo assim, deverão ser promovidos os direitos humanos e em particular, os direitos específicos dos grupos de populações mais vulneráveis, especialmente as crianças, *maiores de idade*, as pessoas incapacitadas, as minorias étnicas e os povos autóctones.

O Artigo 7º diz que: “o direito ao turismo para todos, deve ser entendido como consequência do direito ao descanso e lazer [...]” e ainda: “se fomentará (incentivará) e se facilitará o turismo familiar, dos jovens e dos estudantes, das pessoas maiores e das portadoras de deficiências”.

Nessa seção vimos fatores que colaboram para que o turista idoso viaje – pensões e aposentadorias – assim como as facilidades que o agradam enquanto viajante, tais como a segurança de um atendimento adequado de saúde e os benefícios de se viajar através de agências de turismo - em grupos. Em seguida veremos os dois caminhos distintos das viagens realizadas por agências aos quais também os idosos percorrem.

Na rota das letras

Ao entrevistar Francisca - a senhora de 87 anos - ela me relatou que, além das excursões realizadas através das agências, ela também viaja através das trovas! Contou-me que, após a perda de alguns de seus parentes, iniciou um curso para terceira idade oferecido pela universidade local e, através dele, tomou conhecimento de uma oficina de trovas à qual iniciou e lhe trouxe grande entusiasmo! Ela passou a escrever e a participar de concursos dentro e fora de sua cidade, nos quais fora premiada por diversas vezes. Tais premiações levaram Francisca a percorrer diversos lugares do Brasil e do exterior. Esse caminho trouxe para ela grande alegria, pois, além do contato com outras pessoas e das amizades que se formavam, ela mantinha sua autoestima elevada no reconhecimento de uma capacidade descoberta já na terceira idade.

Em outro momento, tive a oportunidade de conhecer e conversar com uma pessoa que não estava em nosso grupo de excursão, porém se encontrava no mesmo hotel. Ela possuía 60 anos e era residente da cidade vizinha de Cabo Frio: Araruama. Foi ela – Ana Maria, funcionária pública aposentada – quem me apresentou o outro caminho que também leva pessoas, especialmente da terceira idade, a viajarem: o Encontro Nacional de Correspondentes – ENCORN. Contou-me, sorridente, como foi o início do seu contato com pessoas através de cartas:

Eu me correspondia com a minha vizinha de rua para ter para quem escrever uma carta. Eu levava no correio e ele entregava na porta do lado da minha casa, e assim a gente começou a corresponder a ponto de eu falar para ela: “poxa, eu queria que você mudasse”. Olha, era minha amiga, éramos grudadas, como unha e carne, e eu queria que ela mudasse só para poder ter mais sabor a correspondência.

Dessa forma, Ana Maria relatou que, mais tarde, colocou um anúncio em uma revista e passou a receber correspondências de pessoas de todo Brasil e também do exterior, em busca de objetivos comuns: fazer amizades e trocar postais, chegando a obter em uma época cerca de 400 correspondentes. Ana fez muitas viagens para conhecer pessoalmente seus amigos de cartas. Nunca se decepcionou. Tempos mais tarde, surgiu a ideia, através de um grupo de correspondentes do Rio Grande do Sul de se fazer um encontro nacional. A ideia se concretizou com sucesso e em 2015 o encontro comemorou a sua 19ª edição, sendo realizado uma vez ao ano, preferencialmente em cidades diferentes, durante um final de semana. O objetivo é reencontrar correspondentes e conhecer outros, aproveitando para fazer um passeio pela cidade em que se hospedam. De acordo com Ana, esses encontros tendem a permanecer, pois a internet e toda evolução tecnológica não atrapalharam a manutenção das cartas:

Agora nós estamos na internet e continuamos nos correspondendo. A gente até avisa pelo computador: “olha, mandei carta para você hoje”, “chegou sua carta”, “estou enviando sua resposta”. Carta é muito diferente, principalmente a escrita à mão, por que você vê a letra da pessoa, parece que você está vendo a pessoa.

Curiosamente, Ana Maria mencionou que esteve casada por treze anos e que fez apenas três viagens durante esse período. De acordo com ela, seu ex-marido dificultava seus passeios. Ambos trabalhavam e ela sempre fazia planos para as férias do casal. No entanto, anualmente era surpreendida com a notícia de que o patrão do ex-esposo havia dado suas férias de forma imediata, sem a possibilidade de um acordo, ou seja, sem

uma prévia programação de datas. As palavras dele eram: “olha, amanhã estou de férias”. A reação de Ana Maria diante desses repetidos episódios era a pior possível: “na véspera das férias nós não tínhamos reservado hotel, não tínhamos visto passagens.” Ela nutria os piores sentimentos em relação ao homem que não permitia que seu ex-marido programasse as férias e desfrutasse de momentos de descanso ao seu lado em uma viagem. Fatalmente, em um determinado dia – mais precisamente dez anos após o matrimônio – através de uma conversa com um colega dele, Ana descobriu que todos os funcionários da empresa em que seu ex-marido trabalhava programavam sim as férias e que o patrão não era essa pessoa terrível que por uma década ela acreditou que fosse. Ou seja, foi com enorme decepção que Ana Maria constatou que o ex-esposo criava situações não verdadeiras para que ambos permanecessem no local de residência e não viajassem: “fiquei dez anos sem viajar por conta disso”. Segundo ela, o motivo era que ele não gostava de turismo. Ana desabafou sobre seu divórcio, dizendo que hoje se sente livre e muito mais feliz, pois pôde retomar as viagens que sempre gostou, o contato com os amigos e a frequência ao Encorr.

Ela precisa separar o passado

As perdas de entes queridos – familiares, amigos – fazem parte da nossa trajetória de vida e muitas vezes podem deixar marcas indeléveis prejudicando o momento presente e o futuro.

Uma narração sobre perdas foi encontrada no relato da poetisa Francisca. Na noite em que nos encontramos para conversar, logo no começo da entrevista, ela me relatou as perdas que teve da mãe – através de uma doença grave; e da irmã, irmão e um sobrinho – os três de maneira súbita. O que mais me surpreendeu foi sua postura diante desses fatos: ela lamenta, sofre, porém ocupa sua vida com as mais diversas atividades – e são muitas! Uma delas é o turismo, que inclusive ganhou proporção maior após as perdas que teve: “Uma amiga me convidou, ela disse: ‘a senhora precisa viajar, precisa passear’.”

Esse trecho nos remete a Panosso Netto (2010, p. 13), que afirma que: “o turismo pode ser a libertação do estresse cotidiano, a busca de um sentido para a vida, o encontro de novas pessoas e de novos conhecimentos.” Era isso provavelmente o que a amiga de Francisca sugeria à ela naquele momento e o que de fato, segundo ela, ajudou a aliviar sua dor.

Esse segmento do turismo – terceira idade – tem crescido consideravelmente devido a uma maior consciência a respeito da importância do lazer para uma vida saudável (SENA; GONZÁLEZ; ÁVILA, 2007). Ou seja, busca-se não apenas chegar até uma longa idade, mas sim alcançá-la e vivenciá-la com bem-estar e qualidade.

A mesma narração sobre perdas foi feita pelas irmãs Marisa e Clarice. Elas perderam, além do pai e da mãe, também três irmãos. No entanto, ao contrário de Francisca, Clarice demonstrava grande abatimento e enorme dificuldade em se desvencilhar do passado. Grande parte de sua atenção e sentimentos estavam voltados para os fatos tristes ocorridos, dificultando sua vida presente. Sua irmã, que também passou pelos mesmos abalos, mantinha uma postura mais firme e se esforçava constantemente para reanimá-la: “Eu falo com ela que ela precisa separar o passado. Ela foi uma professora de nome, todo mundo respeitava, os colegas respeitavam. Nós conseguimos tudo. Até hoje, qualquer lugar que nós chegamos, somos muito bem recebidas.”

A trajetória das três entrevistadas demonstra que a reação que cada pessoa apresenta diante das perdas é muito pessoal. Marisa e Clarice são duas irmãs próximas com personalidades muito diferentes. As duas tiveram as mesmas perdas, no entanto Marisa demonstrava alegria, esperanças no futuro, enquanto Clarice não superou esses acontecimentos e trazia em si uma tristeza sem tamanho. Francisca, por sua vez, se assemelhava à Marisa no entusiasmo e força que demonstrava perante a vida. Ou seja, essas mulheres integram o mesmo grupo genérico, intitulado “terceira idade”; no entanto, continuam mantendo suas características individuais, o que nos leva a crer que um grupo pode possuir características similares, porém não idênticas. Essas senhoras se assemelham por estarem acima dos 60 anos, no entanto, possuem visões, percepções e sentimentos distintos, mesmo quando diante de situações parecidas.

Assim sendo, notamos que não é a idade que molda a personalidade e que a aparência não configura um único estado de espírito. Toda a trajetória, a maneira de criação, as experiências vividas – e também as não vividas – somam-se aos impactos que cada situação gerou em suas emoções, e isso é algo único.

Do mesmo modo, podemos refletir a respeito do que tem sido ofertado à terceira idade. É importante compreender que os pacotes de viagens devem respeitar a individualização, os hábitos de cada um, oferecendo opções de destinos variados e não padronizados (ARAÚJO, 2001). Nas entrevistas, entre os destinos mais desejados, predominaram os lugares que ainda não foram visitados e aqueles que são diferentes da cidade em

que se vive: “é bom descobrir coisas novas, é mais interessante”, “eu gosto dessas coisas assim, diferentes, que na terra da gente não tem”. Campos do Jordão – SP e as Serras Gaúchas foram regiões muito citadas, além de cidades litorâneas. Ilda expôs alguns locais que são tradicionalmente considerados para terceira idade, afirmando não gostar, como por exemplo uma cidade que possui serestas: “Eu não volto mais porque não gostei [...] Eu acho triste aquela seresta, não faz o meu gênero”. Sena; Gonzalez; Ávila (2007) destacam que os profissionais da área do turismo deverão se preocupar com a segmentação: “esta não pode ser por idade cronológica, em si, não é um parâmetro útil ou válido para avaliar e identificar habilidades, interesses e atividades na terceira idade”. (2007, p.83)

Por tanto, pode-se constatar que a idade do corpo não caracteriza seres idênticos e que o bom tratamento às pessoas idosas envolve o conhecimento dos gostos peculiares. Os idosos são os personagens principais de muitos temas abordados, programas e projetos criados, por essa razão escutá-los se torna uma forma de verificar a qualidade do que está sendo oferecido à eles.

Idade que eu nunca pensei em chegar

As pessoas idosas, apesar de terem consciência dos anos de vida que possuem e da longa trajetória que já percorreram, muitas vezes sentem que a idade não condiz com seu interior. A entrevista apresentou-me a forma como elas percebem o próprio envelhecimento.

Conversando com Ilda, questionei-a de que maneira ela achava que o turismo contribuía para seu bem-estar. Ela não compreendeu bem a pergunta e, talvez por saber que minha pesquisa se referia às pessoas da terceira idade, ela respondeu se referindo aos idosos, como se ela não fizesse parte deles:

Eu acho que é bom demais, principalmente para o pessoal da terceira idade. Você vê, há uns anos atrás os velhinhos ficavam todos dentro de casa rezando, fazendo tricô, crochê. Hoje em dia não, os velhinhos estão todos nas praias, nas montanhas, estão em tudo quanto é lugar que você vai. [...] Eu acho que isso melhora até a saúde e o tempo de vida das pessoas.

Ficou claro que ela não se sentia uma pessoa idosa. A sensação jovem que Ilda possuía sobre si mesma, naquele momento, sem que ela percebesse, foi mais forte que a idade comprovada em sua certidão de nascimento. Apontar os benefícios do turismo para os outros e não para si mesma e se referir aos idosos como “velhinhos”, demonstram que, na visão dela, existe uma grande distância de realidades entre eles, sendo que na verdade ela também se caracterizava uma “velhinha” que naquele instante estava na praia e em outro momento poderia estar “nas montanhas [...] em tudo quanto é lugar”. É interessante então notarmos como a visão que se tem sobre si mesmo pode ser diferenciada da visão que outras pessoas possuem ao lançar o olhar sobre nós, e como é pertinente o cuidado com determinados comentários e/ou formas de tratamento para que as pessoas idosas não se sintam ofendidas. Para dar seguimento à entrevista e obter a resposta que desejava, retomei a pergunta de outra forma, de modo que Ilda desse o retorno na primeira pessoa do singular.

Ainda na conversa com ela, Ilda disse que não gosta de ser chamada de senhora, afinal, apesar dos seus 71 anos, ela é solteira e, de acordo com seu pensamento, pessoas solteiras não são tratadas por “senhora”. Ela exclamou: “Eu imagino que deva chamar de senhora uma mulher casada, viúva. Pelo certo, uma pessoa solteira deve ser chamada de você, independente de idade!”

A primeira entrevista que realizei foi com as já mencionadas irmãs Marisa e Clarice. Embora elas tenham compartilhado as mesmas experiências dentro do turismo pelo fato de sempre viajarem juntas, foi possível analisar as características semelhantes e contrastantes das duas.

Logo no princípio da entrevista, percebi que havia uma carga emocional muito grande por trás do que seria relatado. Minha primeira pergunta foi a respeito da idade delas. Marisa naturalmente respondeu: “71”, já Clarice teve uma reação que eu não esperava: emudeceu e começou a chorar copiosamente. Interrompi a gravação, me compadei de sua dor, embora não soubesse o que dizer, afinal desconhecia a razão daquele rompante. Apenas procurei acalmá-la. Depois de alguns minutos, entre soluços, ela disse: “eu tenho 69, é muita idade, nunca pensei que chegaria a ter isso”. Aguardei alguns instantes até que ela se sentisse melhor e pudéssemos retomar a entrevista.

Na sequência, Clarice se sentiu mais tranquila. Decidi abordar outras questões ao invés de questionar a razão de sua emoção. No entanto, através de sua frase, foi possível perceber que a idade, para ela, possuía um peso muito grande, ao contrário do que parecia ser para sua irmã.

Ao longo dos mais de sessenta minutos de conversa, Clarice sorriu e se alegrou diversas vezes ao relembrar as inúmeras situações felizes que vivenciou em suas viagens desde a juventude. Constatei o bem que as conversas fazem, pois, enquanto ela mergulhava em suas lembranças felizes, esquecia-se das dores que há poucos minutos transbordavam. Apesar disso, era meu interesse conhecer o que havia por trás do choro e, devido ao fato de ela ter ficado tão entretida nos bons momentos e não ter relatado isso, me arrisquei a perguntar a razão pela qual ela havia chorado no começo da entrevista. Como um estopim, o meu questionamento trouxe de volta todas as lágrimas. Ela então disse: “Sabe, é que eu cheguei nessa idade que eu nunca pensei em chegar e conhecer tanta coisa, fazer tanta coisa. Então isso tudo me choca. [...] Tem gente que acha uma maravilha, né? Mas eu acho que a gente já está caminhando para o final.” Clarice ainda descreveu com tristeza sua sensação perante o passar dos anos: “Foi um estirão que passou depressa, menina. Outro dia mesmo eu estava estudando, doida para formar, para arrumar um emprego. Hoje eu já aposentei”.

De acordo com Elizabeth Maria Sene Costa (1998, p.34):

A chamada “terceira idade” é para alguns um aprisionamento, um espaço de vida em que qualquer ato fecundo é impossível. Para outros, é a conscientização de seu atual momento, que deve ser vivido com o mesmo amor e dedicação que vivenciou seus anos joviais. Para outras tantas pessoas, essa fase vital é complexa, ora vista de maneira preconceituosa, ora analisada como uma conquista, um mérito por ter podido atingi-la e, ainda, poder experimentar interesses.

Com seus 71 anos, Marisa é uma mulher ativa. Aposentou em sua profissão como professora, porém assumiu outra função: a de administradora do condomínio em que vive. Com isso, lida com diversos problemas e mantém seu corpo e sua mente ativos. O mesmo ocorre com Francisca, com seus quase 90 anos de idade. Ela foi a pessoa mais ativa que conversei. No momento da entrevista descreveu-me suas atividades como secretária, tesoureira, relações públicas, voluntária em sua igreja, artesã etc. Ilda e Ana Maria praticam atividades físicas regularmente. Ou seja, estas são mulheres produtivas e capazes, que exemplificam que a idade não é empecilho para se realizar o que se deseja.

Marisa, em alguns momentos fora da entrevista, teceu-me alguns elogios que traziam embutidos um tom de tristeza, de pesar. Procurei observá-la e descobrir a razão de minha impressão, até que, em um certo dia, ela desabafou: “Eu queria ser assim, como você. Eu queria ser para sempre jovem!”.

Diante desses fatos, foi possível então verificar que por vezes as rugas no rosto assustam, entristecem e, como já dito, podem não corresponder ao que as pessoas da terceira idade sentem a respeito de si mesmas.

Costa (1998) define três critérios básicos para definição da velhice. O primeiro deles é o cronológico, que diz respeito ao número de anos vividos, à idade que consta em nossa certidão de nascimento. O segundo é o biológico, que relaciona-se à disposição física para realizar atividades, à idade que o nosso corpo sente que tem, muitas vezes podendo não corresponder à idade cronológica. O terceiro critério é o pessoal, caracterizado pela percepção que a pessoa tem sobre si mesma:

a idade pessoal é, por tanto, aquela que a própria pessoa determina, que o seu “espírito” “sente”, em que a sensação de “estar” com uma idade respectiva é mais forte que qualquer ruga na face [...] Somos nós que prescrevemos a nossa idade, segundo aquilo que sentimos interiormente. (COSTA, 1998, p.33)

É exatamente isso que se nota nos relatos, nos desabafos, nos sorrisos e nas lágrimas. Algumas vezes a idade do corpo (cronológica) é avançada, no entanto a disposição para se realizar atividades é enorme, fazendo com que o peso dos anos se torne mais leve. Outras vezes, a idade do corpo não é tão adiantada, no entanto o sofrimento vivenciado ao longo da vida traz o cansaço, o desânimo e a sensação de se já ter vivido muito, como percebemos no relato de Clarice. Por essa razão, ao se tentar enxergar além do que os olhos alcançam, pode-se provavelmente perceber como cada pessoa lida com o próprio envelhecimento e como ela se sente estando em um corpo que denota o que, por vezes, ela não gostaria de ver refletido no espelho.

Turismo é uma terapia

Dentro da pesquisa, era meu interesse compreender melhor a razão que leva as pessoas da terceira idade a buscarem o turismo como forma de distração, considerando que as viagens são apenas uma entre inúmeras atividades de lazer que podem ser desempenhadas por elas.

Fromer e Vieira (2003) destacam que, embora a disponibilidade de tempo livre seja uma premissa para a utilização da atividade turística pelas pessoas acima de 60 anos, não é exatamente esse o ponto que desencadeia as viagens. Para as autoras, a grande motivação é a busca pela satisfação pessoal, a realização de desejos que até então não puderam ser concretizados devido às obrigações do dia-a-dia, a adesão a novos conhecimentos, a possibilidade de participação na sociedade e melhora da autoestima, constituindo assim o turismo, entre todas as atividades de lazer, a mais importante para o idoso.

De acordo com os relatos, já havia nas entrevistadas a cultura da viagem. Elas, quando jovens, já viajavam com alguns familiares e especialmente com amigas, contrariando a postura de alguns de seus parentes: “o nosso pai não ia nesses lugares de jeito nenhum. Ele gostava de criar coelho, cabrito. Tinha um quintal imenso lá em casa, então eram só essas coisas.”

As entrevistadas contaram que possuíam pouco dinheiro, por isso não podiam variar nos destinos nem ir para muito longe, tampouco gastar com o que não fosse necessário. Mesmo quando jovens, elas mencionaram que o turismo sempre exerceu sobre elas um grande efeito positivo. Marisa e Clarice por exemplo decidiram fazer um curso superior devido à influência cultural exercida pelos cariocas: “A gente via que nós, de Juiz de Fora, éramos consideradas do interior e colocamos em nossa cabeça que a gente podia ser como aquelas pessoas. Mas como? Fomos fazer vestibular!”

Anos mais tarde, o estudo, a formatura, a possibilidade de um trabalho melhor, resultaram em uma melhora financeira significativa e assim todas as entrevistadas puderam escolher e seguir novos roteiros. Hoje, como aposentadas, não estão dando início às viagens, mas sim continuidade a um hábito que adquiriram há décadas.

As motivações, no entanto, chegaram a se modificar. As irmãs Marisa e Clarice, quando jovens, buscavam conhecer outras culturas. Clarice, por ter sido professora de história, organizava excursões até cidades históricas para seus alunos e também viajava em excursões organizadas por outras pessoas com o objetivo de se aprimorar como profissional. Já hoje, Clarice é uma pessoa que não tem atividades em seu dia-a-dia, por isso as viagens adquiriram novo significado, representando seu esparecimento, a oportunidade de conversar com outras pessoas e sair da rotina: “Eu fico mais dentro de casa, por isso que tenho que viajar mesmo”. Sua irmã Marisa diz que: “a gente está procurando fazer amizades para gente não cair naquela depressão de ficar só dentro de casa, de ir na padaria, cuidar de casa”, e destaca que algumas pessoas que encontram durante uma viagem têm a capacidade de torná-la mais prazerosa e despertar ainda mais o desejo de continuar viajando:

[...] têm pessoas tão humildes que passam uma sabedoria para você que você jamais poderia pensar. Aquilo fica com você para o resto da vida, parece que gruda e você passa a fazer aquilo, até melhora você. Aí você vem renovado e com um modo de pensar diferente, você vem mais alegre, você esquece o seu sofrimento do passado, aquilo que te machucou demais. Você esquece daquilo que a pessoa acabou de fazer antes de você sair para viajar.

Em todos os relatos, além do hábito de viajar, a importância das amizades, do contato com o outro, do diálogo, da troca de conhecimentos, são os principais motivos para buscarem as viagens como atividade de lazer. Mais do que o destino, os relatos mostraram que são as amizades que incentivam as pessoas da terceira idade a buscarem o turismo.

A poetisa Francisca, sentindo grande orgulho e felicidade, e aproveitando o tema da pesquisa, recitou a seguinte trova feita por ela: “Turismo é uma terapia / Para o corpo e o coração / Põe a mente em harmonia / Afastando a solidão”. Nota-se que ela colocou em versos o significado que, para ela, o turismo possui: bem-estar físico e mental, e a oportunidade de conviver com outras pessoas.

Para Ana Maria de Paris Possamai; Airton da Silva Negrine (2010) esse estímulo ao lazer e ao convívio social é de suma importância para a saúde física e mental das pessoas da terceira idade, reduzindo inclusive as despesas públicas com serviços de saúde, pois, de acordo com a citação que fazem a Beauvoir (1990) e Chopra (1994): “pessoas alegres e ativas tendem a não adoecer.”

De fato, o bem que as viagens proporcionam exerce influência no físico. Um exemplo é o fato de quatro entre as cinco entrevistadas terem relatado que gostaram muito de conhecer as serras gaúchas. Essa viagem é realizada pela maior parte das agências de Juiz de Fora e tem aproximadamente 10 dias de duração. A distância

entre nosso município em Minas Gerais e a cidade turística de Gramado - RS ultrapassa os 1500 Km (!) e o trajeto foi todo percorrido de ônibus por elas, onde permaneceram dentro do veículo não apenas para chegarem ao destino e retornarem, mas sim durante todos os 10 dias para visitação aos atrativos tursticos locais e prximos. Ou seja, apesar da distância e do longo perodo dentro de um ônibus, em nenhum momento nos relatos houve queixas de dores no corpo, cansaço e mal-estar. Ao contrário, apenas foram destacados aspectos positivos da viagem. Apenas foi sentido bem-estar pela proximidade e amizade com o outro e pela apreciação das belezas naturais e arquitet nicas encontradas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a população idosa vem crescendo significativamente e que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), são consideradas idosas as pessoas com 60 anos ou mais de idade. No entanto, a questão da velhice vai além de uma determinação cronológica. Ela é uma construção social e histórica, e que, naturalmente, possui suas limitações.

Fromer e Vieira (2003), baseadas em dados da OMS/ONU, afirmam que no ano de 1900 menos de 1% da população possuía mais de 65 anos. O envelhecimento é, por tanto, um fato recente e uma conquista para toda humanidade que deveria resultar em orgulho para todos, pois foi devido ao avanço da medicina, às campanhas informativas, às leis, projetos etc., que as pessoas estão vivendo por mais tempo e tendo maiores oportunidades de envelhecer com uma melhor qualidade de vida. No entanto, o envelhecimento ainda é alvo de preconceito, rejeição, inc modo em nossa sociedade que valoriza demasiadamente o que é novo, belo, ágil e produtivo.

Há uma mudança significativa nos papéis sociais desempenhados pelos idosos com o passar dos anos. Na verdade, há perdas desses papéis. Na fase da juventude e na fase adulta, o idoso havia contribuido com a sociedade, tendo sua profissão e exercendo posição de destaque dentro de sua família, sendo responsável pelos filhos e provendo o sustento da casa. Com a aposentadoria, ele perde seu papel social e passa a ser visto como pessoa incapaz e inútil que não colabora socialmente e não produz nada novo. (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012)

O fato de a sociedade se deter muitas vezes em uma imagem negativa do idoso, colabora para que ele se sinta inferiorizado, com baixa autoestima, fazendo-o não se aceitar como tal e ambicionar caracterstias próprias da juventude, como a aparência, a agilidade e o possível distanciamento do fim da vida.

Considerar uma pessoa idosa doente, debilitada, também faz parte do estereótipo que ainda se tem, o que é um engano, pois "as limitações, incapacidades e dificuldades não são problemas apenas dos idosos. Há muitas crianças, adolescentes, jovens e adultos que possuem dificuldades, devido a diversas causas patológicas." (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012, p.3)

As mesmas autoras chamam a atenção para a necessidade da construção de "uma nova cultura da velhice" através da educação, a partir da qual os próprios idosos possam conhecer seus direitos, se aceitarem com a idade que possuem e onde a população possa conhecê-los e modificar sua visão sobre a velhice, respeitando-a.   medida em que os idosos exercerem a capacidade que possuem de desempenharem novos papéis sociais e passarem a ser considerados pessoas capazes, a visão sobre eles irá também sendo transformada.

O título deste artigo: "Para sempre jovem" refere-se não somente ao desabafo do desejo de uma de minhas entrevistadas, mas sim   sensação que muitas pessoas da terceira idade possuem sobre a própria idade. Podemos considerar que estamos envelhecendo desde o dia em que nascemos. Independentemente da idade que temos, seremos considerados jovens se comparados a uma determinada faixa etária e velhos se comparados a outra. Socialmente, as fases da vida são determinadas de maneira cronológica, de acordo com um perodo de tempo pré-estabelecido onde caracterstias comuns são associadas. Ou seja, elas são resultado de uma construção social onde a juventude nada mais   que apenas mais uma fase finita da vida. Contudo, uma pessoa pode sentir-se jovem mesmo estando na terceira idade – a pesquisa corrobora isso. Sendo assim, a juventude não diz respeito somente a uma faixa etária, mas a um sentimento, a um posicionamento do indivduo diante de seu cotidiano. Sentir-se jovem pode ser, entre outros fatores, resultado de aspectos interiores existentes devido à forma de se lidar com as perdas,   busca por novas atividades,   vontade de permanecer vivo, ativo e de desfrutar daquilo que traz alegrias.

Buscar algo para se fazer quando o inexorável fim se aproxima, é um desafio. Romper barreiras, apostar em novas conquistas pode não ser para todos, mas existem aqueles que provam que, enquanto se estiver vivo, é possível se manter ativo.

A motivação para realização deste artigo surgiu em decorrência de experiências pessoais. Antes mesmo de iniciar a vida acadêmica, eu observava características contrastantes de meus pais em relação às atividades do dia-a-dia. Suas idades nessa época já ultrapassavam os 60 anos. Minha mãe, sempre do lar, possuía – como ainda possui – grande entusiasmo pela vida, o cultivo constante da esperança por dias melhores e a elaboração de planos para curto, médio e longo prazos. Meu pai – militar reformado – desde que foi afastado de seu posto, afastou-se também dos amigos e das práticas que lhe davam prazer. De maneira crescente, o isolamento e a tristeza se fizeram presentes nele, trazendo ainda por companhia diversos problemas de saúde – de ordem física e emocional. As viagens através de agências surgiram em nossas vidas por indicação de amigos. Mesmo com muita insistência, meu pai nunca se interessou, dizia que “já havia viajado muito na vida” – o que não era verdade. O que ocorria era que ele considerava como já conhecidas todas as cidades pelas quais avistava de dentro do carro quando estava a caminho de algum destino. Dessa forma, na visão dele, de fato eram muitos os municípios que conhecia. Além disso, a falta de ânimo por coisas novas era característica marcante. Já minha mãe não pensava duas vezes diante de alguma possibilidade de viajar. Dessa forma, nos deslocamos – eu e ela – a caminho de alguns destinos turísticos. Nesses caminhos foi então que reparei que a maior parte das pessoas que realizavam esse tipo de viagem eram da terceira idade, sendo o número de mulheres maior que o número de homens. Muitas histórias escutei de lá para cá, até que agora estou tendo a feliz oportunidade de poder compartilhar um pouco das minhas observações através deste artigo. A pesquisa de campo e os estudos teóricos, ambos realizados recentemente, reforçaram e ampliaram meus conhecimentos a respeito do ser humano idoso, suas dificuldades em relação à idade, e as razões e benefícios de buscarem a atividade turística como prática de lazer.

Na pesquisa realizada, vimos que o turismo trouxe um novo sentido para quem rompeu um casamento, para quem perdeu mãe, pai, irmãos, para quem se aposentou e se deparou com um vasto tempo livre e vazio, para quem não contava com a presença de um parente nem de um amigo. O turismo para terceira idade - na maioria das vezes tratado como algo meramente comercial - traz um significado e um valor inestimável para essas pessoas que foram capazes de, apesar de suas dores e de todo preconceito existente sobre elas, buscarem um caminho para continuarem a sorrir. Eles – jovens da terceira idade – se lançam à exploração de novos territórios, na ocupação de “casas” temporárias, no experimento de novos sabores, na contemplação de novas paisagens. Hoje eles andam pelas estradas e/ou areis e/ou mares seguros na certeza de que, ao desfrutarem de mais uma viagem, irão trazer na bagagem experiências, amigos, alegrias, renovações; enquanto as dores e feridas vão ficando aos poucos em cada parada, em cada traslado. Os considerados “velhos”, comem, bebem, dançam e, se sós, encontram no companheiro de viagem uma companhia que com eles seguirão na prosa.

Esses jovens de cabelos grisalhos, rejuvenescem a cada partida e merecem ser tratados não como pessoas de um grupo genérico ou como números que equilibram a economia, mas como seres humanos individuais que pensam, sentem e emitem opiniões. Respeitar os idosos demanda reconhecer que, embora talvez com um ritmo mais lento, eles são pessoas capazes e buscam sentirem-se felizes. O respeito também deve vir do reconhecimento por toda a colaboração que eles já fizeram no passado à sociedade e por tudo o que ainda contribuem no presente, como no caso do turismo onde tornam-se consumidores, geradores de lucros para agências, hotéis, transportadoras etc. Ou seja, mesmo “passeando”, eles não deixaram de serem úteis socialmente. Respeitá-los é perceber que nós, que ainda não estamos na terceira idade, provavelmente seremos idosos um dia. Dessa forma, saber ouvi-los, compreendê-los e tratá-los bem são atitudes que refletirão em nosso próprio futuro.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Cleida Maria Silva. **Turismo para a Terceira Idade: Refletindo o Futuro**. Turismo, Visão e Ação – v.3, n.7, 2001. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1292>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. 1ª Edição. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <http://portal.cnm.org.br/sites/5700/5770/28122010_Segmentacao_do_Turismo_e_o_Mercado.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CANANI, Ivone Selva Santos. **Guia de turismo: O Mérito da Profissão**. Revista Turismo em Análise, v. 10, n.1, p. 92-106. São Paulo: 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63461>>. Acesso em: 01 out. 2015.

COSTA, Elizabeth Maria Sene. **Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Ágora, 1998.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIN, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia (Ribeirão Preto) vol.14 nº 28, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FROMER, Betty; VIEIRA, Débora Dutra. **Turismo e Terceira Idade**. 2ª Edição. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo)

IBGE. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. IBGE. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 09 set. 2015.

IBGE. **Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI. Subsídios Para as Projeções da População**. IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Publicado em: 2015. Acesso em: 12 jul. 2015.

LENDZION, Célia Regina et al. **Envelhecimento e qualidade de vida**. Revista Pró-Saúde. Curitiba, PR, v. 1 n. 1, 2002. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/88/Lendzion-et-al-Artigo>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Rosane Bertoldo. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Viaja mais melhor idade**. Disponível em: <www.viajamais.gov.br>. Acesso em: 30 mai. 2015.

NETTO, Alexandre Panosso. **O que é turismo**. Primeira edição. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção primeiros passos; 341)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo. Quinze/Editora da Unesp, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Código de Ética Mundial para o Turismo. Ethics and Social Responsibility**. Disponível em: < http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/brazil_0.pdf>. Publicado em: 01 out. 1999. Acesso em: 02 ago. 2015.

POSSAMAI, Ana Maria de Paris. **Turismo Cultural e Terceira Idade**. Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo, v.6, n.8, 2009. Disponível em: < http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo4_v6_n8_out_nov_dez2009_Patrimonio_UniSantos.pdf>. Publicado em: 2009. Acesso em: 03 ag. 2015.

POSSAMAI, Ana Maria De Paris; NEGRINE, Airton da Silva. **Turismo, Envelhecimento e Estresse**. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt11/arquivos/11/Turismo,%20envelhecimento%20e%20estresse.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Idoso: Um Novo Ator Social**. IX ANPED Sul. Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

SENA, Maria de Fátima Alves de; GONZÁLEZ, Jahumara Glória Téllez; ÁVILA, Marco Aurélio. **Turismo da terceira idade: análises e perspectivas**. Caderno Virtual de Turismo - IVT, Vol. 7, nº 1, 2007. Disponível em: < <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=175>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SENFFT, Maria Dulce. **Lazer saudável na terceira idade**. Caderno Virtual de Turismo - IVT, Vol. 4, nº 4, 2004. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=71>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SISAP IDOSO. **Leis, Políticas e Portarias**. Sisap Idoso. Disponível em: < <http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/index.php?pag=polit>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

ANEXO

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Quando e como surgiu o seu interesse pelas viagens?
2. Com quem você costuma viajar?
3. Por que você acha que existem mais mulheres na viagem?
4. O que você busca encontrar quando viaja?
5. Quais tipos de lugares e atividades mais lhe interessam?
6. De que forma você acredita que o turismo contribui para o seu bem-estar?